

Intelectuais e o Debate Sobre Violência Revolucionária nos Anos 1980: O Caso das Revistas *Punto de Vista* e *La Ciudad Futura*

Isabel Cristina Leite

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo. As revistas são fontes privilegiadas para análise de temas contemporâneos à sua existência. Neste artigo analisaremos o debate sobre a violência revolucionária por intelectuais de esquerda que tiveram alguma relação com organizações revolucionárias nos anos 1960-1970. Buscaremos este debate nas revistas *Punto de Vista* e *La Ciudad Futura*, revistas de linha editorial de esquerda, cujos editores, em algum momento de suas vidas, militaram e trabalharam juntos em outras experiências editoriais semelhantes. Daremos ênfase nas discussões dos anos 1980, período que, em alguma medida, as análises sofreram influência da teoria *dos demônios*, tirando da discussão a responsabilidade da sociedade na crescente onda de violência ocorrida naqueles anos. Estas primeiras análises críticas à atuação das esquerdas evitam tocar em pontos mais incômodos, como a dimensão ética e moral da cultura guerrilheira, desmitificando seus heróis e criticando os chamados “justiçamentos”.

Palavras-chave: La Ciudad Futura; Punto de Vista; violência política, Argentina.

Intellectuals and the debate on revolutionary violence in the 1980s: the case of Punto de Vista e La Ciudad Futura Journals

Abstract. Journals are privileged sources for analysis of contemporary issues. In this article, we will analyze the debate on revolutionary violence by leftist intellectuals who had relation to revolutionary organizations in the 1960s and 1970s. We will seek this debate in two leftist journals, Punto de Vista and La Ciudad Futura, whose editors, at some point, militated and worked together in other similar editorial experiences. We will focus on discussions of the 1980s, the period that the analyses were influenced by the theory of demons. The discussion took from society the responsibility for the rising of violence occurred in those years. These first critical analyzes to the left performance avoid touching most troublesome points, as the ethical and moral dimension of the guerrilla culture, demystifying their heroes and criticizing the so-called “justiçamentos” (executions).

Key-words: La Ciudad Futura; Punto de Vista; political violence; Argentina.

1 Introdução

Entre os anos 1983 e 2002, a experiência da militância dos anos 1970 se configurou em um “regime de memória”, que oscilou entre políticas direcionadas à recordação e à reparação. Havia “vontade de recordar” e a “vontade de esquecer” e por uma disputa de representações do passado entre os movimentos de direitos humanos, as esferas públicas e oficiais e demais grupos sociais envolvidos. Por outro lado, autores mais importantes da atualidade que trabalharam com a questão da memória do período, como Elizabeth Jelin (2002), Hugo Vezzetti (2002) e Marina Franco (2005), mostraram em seus trabalhos que os primeiros dez anos após o fim da ditadura foram também marcados pela construção e legitimação de uma visão sobre o passado como uma “guerra suja”, simbolizada pela metáfora *dos demônios*. Essa matriz interpretativa teria colocado os dois inimigos em condições de igualdade na responsabilidade da violência que assolou o país naqueles anos ditatoriais. Neste artigo, trabalharemos com o debate sobre a violência revolucionária em dois importantes periódicos de esquerda da Argentina: *Punto de Vista* (1978-2008) e *La Ciudad Futura* (1986-2004).

Desde a transição democrática na Argentina, em 1983, os conflitos dos anos 1960 e 1970 se tornaram uma cicatriz entre o passado e o presente e um tema ainda difícil se resistir à tentação de se emitir um julgamento moral – tanto por membros da própria geração da nova esquerda ou por jovens pesquisadores que não viveram aquele período, se manifestando como empatia ou antipatia aos grupos guerrilheiros que atuaram entre 1959-1989 (Campos, 2013, p. 8). A empatia se

manifestaria quando há a impossibilidade de se distanciar da perspectiva dos que protagonizaram aquele passado. Isso pode ser vislumbrado quando temos acesso a obras narrativas mais testemunhais, em primeira pessoa. Já a antipatia, resulta de um estranhamento cultural por aqueles que entendem como “loucura” ou “messianismo” as ações dos guerrilheiros:

Es difícil separar esta toma de distancia de la crítica generacional a la opción por las armas, que conduce desde los 80 un sector del progresismo intelectual, vinculado a las instituciones universitarias. Entre los miembros más ilustres de esta camada se encuentran Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano y Hugo Vezzetti (Campos, 2013, p. 8).

Para boa parte da sociedade, segue sendo um tema difícil para ser esquecido. Nos anos 1980, o peronismo deixou de ser motivo de tensão no campo acadêmico e passou a ser representado como um período da modernização argentina:

La vertebración de una matriz progresista fue consustancial a la institucionalización del campo historiográfico durante las dos últimas décadas del siglo veinte. Lo que hasta entonces había sido percibido como anomalías, debían ser ‘comprendidas’ [...] Todo campo histórico se afana en neutralizar lo ‘monstruoso’, que no piensa como productividad de la vida histórica sino como obstáculo epistemológico a superar (Acha, 2012, p. 124).

Deste modo, a violência dos anos 1970 e o terrorismo de Estado seriam o “monstruoso”. Estudos recentes apontam que somente no período democrático, entre 1973 a 1976 foram contabilizados 8491 ações armadas, tanto pela esquerda quanto pelas forças repressivas. A estimativa é que houve 687 mortes ocasionadas pela esquerda e aproximadamente 1000 assassinatos e desaparecimentos de militantes realizados pela Triple A. Em março de 1975, o jornal *La Opinión* contabilizava ao menos dois mortos por dia, resultado desta violência política (Carassai, 2014, p. 121). Carlos Fico tratou a violência como uma das principais chaves analíticas dos chamados “eventos traumáticos” do século XX. Pensar em termos de violência seria mais adequado para tratar do caso argentino em contraposição à noção de frustração, que melhor se adequaria para pensar o caso brasileiro. Houve muita violência na história recente da Argentina e seria impossível compreender esta história sem considerar tal fenômeno. Dois aspectos singularizam a experiência Argentina quando comparada à do Brasil: a grande visibilidade da repressão militar e a extensiva prática da violência pela luta armada. Ao contrário do Brasil, os grupos de guerrilha foram mais atuantes, mais violentos, bem como a repressão militar foi bastante visível, principalmente entre os anos de 1973 a 1976 – ou seja, antes da ditadura. A violência da esquerda começa a ficar mais intensa após o *Cordobazo*, em 1969. A partir daí, os atentados, muitos dos quais resultaram em mortes, tornaram-se parte do cotidiano: o assassinato do general Pedro Eugenio Aramburu, em 1970, roubos de armas, ocupações de veículos de comunicação, ataques a guarnições militares, sequestros de empresários, assassinatos de oficiais militares, e assim por diante (Fico, 2013).

Desde os anos 1960, a política tornou-se fator determinante para legitimar a produção textual e o espaço público foi escolhido para que fosse difundido o trabalho do escritor, convertido em intelectual. Esta conversão foi resultado de algumas situações em curso no período: o progressismo político no campo das elites culturais; a ideia da revolução em curso no mundo; o surgimento de “novos sujeitos revolucionários”, que seriam os estudantes, intelectuais, negros, proletariado ou camponeses; e, por fim, a politização da cultura e o interesse maior dos intelectuais por questões públicas corriqueiras. Em suma, o que transformaria o sujeito em intelectual seria seu envolvimento com a política.

La revista político-cultural fue un soporte imprescindible para la constitución del escritor en intelectual, puesto que supuso la difusión de su palabra en una dimensión pública más

amplia. [...] Se convirtieron en actores privilegiados que sirvieron para asegurar la difusión continental de sus ecos (Gilman, 2012, p. 22).

Para Jean-François Sirinelli a revista é “um pequeno mundo estreito”, em que ocorrem as sociabilidades entre os intelectuais. Em torno da produção da revista, algumas estruturas são formadas, mas, por vezes, são difíceis de perceber. A revista seria, “antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo, viveiro e espaço de sociabilidade. Pode ser estudada nesta dupla dimensão” (Sebrian, 2009, p. 202). Como veremos, alguns mesmos intelectuais circulavam na órbita destas revistas aqui trabalhadas. O que é importante assinalar é que parte destes antigos militantes já haviam feito um primeiro esforço de pensar as questões relacionadas à violência a partir da derrota da luta armada, enquanto estavam exilados no México, por meio do periódico *Controversia*, entre os anos de 1979 e 1981.¹

2 Punto de Vista

Punto de Vista foi uma revista literária, cultural, estética, de história das ideias, história intelectual, sociologia cultural e política, de análise cultural e dos meios de massa por 30 anos. Seu campo foi o das ideologias contemporâneas, tanto em suas manifestações artísticas, quanto de pensamento. Os organizadores se propuseram a fazer da revista um local privilegiado de atualização teórica destes campos de difusão, debates, estabelecimento de linhas de análises e novas hipóteses. Foi criada ainda na ditadura civil-militar por Carlos Altamirano, Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia, que anteriormente foram editores da revista *Los libros* – revista teórica do Partido Comunista, fechada pelo regime, em 1976. O primeiro número da *Punto de Vista* data de março de 1978. Aos três intelectuais citados, juntaram-se remanescentes militantes de esquerda revolucionária e deram início à revista em situação de semiclandestinidade e tentando esconder sua relação com a política, uma vez que era financiada pela Vanguarda Comunista, ligada ao PC argentino. A revista foi uma tentativa de criação de um espaço – mesmo que inicialmente precário – de publicação para críticos, escritores e artistas que se desarticularam tanto do meio acadêmico quanto do cultural (*Punto de Vista*, 2008, p. 1). Mais tarde, vão integrar o corpo editorial: Hugo Vezzetti e Maria Tereza Garamuglio, Hilda Sabato, José Aricó Juan Carlos Portianeiro e Oscar Terán.

A revista pode ser dividida em etapas. A partir de 1982, encontramos artigos sobre as relações entre intelectuais e política e com o processo de abertura política. A partir do número 15 (1982), o primeiro após a guerra das Malvinas, que começam uma série de artigos que, a partir da história ou da teoria política, rondam a “questão democrática”. Entre 1984 e 1986, se alternam os artigos históricos e os analíticos: os primeiros tentam buscar no passado as explicações para as posições atuais, por uma variedade de leituras que mostram os vieses ideológicos e culturais no campo intelectual, que a esquerda homogeneizou e tratou como próprios. Os segundos discutem fundamentos de alternativas teóricas para a crise das esquerdas e tentam compatibilizar socialismo e democracia (Patiño, 1997, p. 17).

A primeira influência do grupo da *Punto* foi Raymond Williams. Juntamente com Carlos Altamirano, Beatriz Sarlo leu muita coisa com a intenção de revisar o marxismo. Um livro revelador, segundo a escritora foi, *El marxismo y Hegel*, de Lucio Colletti. Essas leituras políticas foram essenciais para ajustar contas com suas consciências filosóficas anteriores. Pensavam que

¹ *Controversia*, por sua vez, arregimentou alguns intelectuais que, nos anos 1960, faziam parte de outra importante revista, chamada *Pasado y Presente*, coordenada por José Aricó, que também esteve à frente de *La Ciudad Futura*. Pablo Ponza observou que, em *Pasado y Presente*, a democracia não aparece no horizonte de alternativas políticas possíveis, mas há uma grande presença da ideia de revolução e de uma nova sociedade, levando em consideração a possibilidade de luta armada. Já *Controversia* e *La Ciudad Futura* quase duas décadas depois, apontam no sentido inverso: concebem a democracia como um pacto e como uma opção estratégica para mudar a sociedade. Questionam a luta armada e o modelo cubano e querem reformar o capitalismo (Ponza, 2014).

somente poderiam deixar o Partido Comunista e começar um processo de revisão do marxismo se realizassem um trabalho reflexivo sobre os textos que haviam sido fundamentais para sua formação. Diz Beatriz Sarlo:

O golpe militar me surpreendeu viajando num ônibus para Escobar (eu militava na zona norte), com os três tomos de Rodolsky sobre *O Capital*. A formação marxista nunca foi abandonada. Depois do golpe, creio que Williams nos ajudou a pensar de outra forma a trama de cultura e sociedade (Sarlo, 2009, s/p.).

As 90 edições de *Punto de Vista* acompanham a mudança do clima político na Argentina ao longo dos anos. Os artigos políticos possuem tons reflexivos e filosóficos desvencilhados de quaisquer instituições.

No eixo de reflexão sobre a busca das responsabilidades da esquerda armada argentina, do convívio diário com a morte e a forma de se construir a memória sobre estes fatos, Beatriz Sarlo, em 1984, apontou a autobiografia como o gênero de escrita que seria ideal para privilegiar esta crítica. Se nos 1970 houve um excesso de preocupação com o futuro, a década seguinte foi marcada pelo imperativo de se fazer intervenções públicas, ocupação das ruas para repor a subjetividade destruída, por meio da execução e exílio de companheiros, com os quais se gostaria de revisar seu passado. A lembrança teria sido um direito suspenso durante a ditadura; logo, nos anos que se seguiram ao fim do regime, ela fez-se necessária para entender o que ocorreu e como se daria a relação com o presente. Não havendo como negar o passado, haveria de se recompor alguns fragmentos da memória – o que não significaria inventar certa “unidade imaginária”. Esta recuperação da memória, contudo, não significaria recordar só o que o Estado fez com a juventude militante, aceitando a posição de vítimas passivas, significaria recordar o que fizeram, mas não na cômoda posição de estabelecer equivalências entre povo e regime autoritário, terrorismo e repressão ferozes, e guerras justa e suja. Faz-se necessária a reflexão sobre o lugar de fala militante:

Nos encontramos de cara con procesos que nos tuvieron como actores y como victimas. [...] Estamos hoy enfrentando todo nuestro pasado y, se sabe, allí no todas las condenas ni todas las acusaciones pueden tener sólo los militares como objecto. Nuestra autobiografía tiene lugar abierto para nuestras responsabilidades: somos una parte de lo ocurrido en la Argentina, y haber sufrido más no és una razón para que en la reconstrucción del pasado olvidemos de nosotros, cuya soberbia nos hizo creer, en alguns momentos, que en la claridad de la revolución futura nos habíamos convertido en amos de la historia (Sarlo, 1984, p. 21).

Sarlo inaugura, na *Punto de Vista*, as reflexões sobre a violência praticada, principalmente, pelos Montoneros. Ela acompanha uma fase de surgimento das primeiras publicações mais críticas ao militarismo e messianismo da organização naqueles primeiros anos de democracia frágil e tentativa de busca de punição de militares. Tais análises feitas por pela autora são compartilhadas por outros intelectuais que escrevem na revista e que retomam esta discussão dez anos mais tarde. Já em outro em outro contexto histórico, como por exemplo, Hugo Vezzetti, cujo livro *Sobre la violencia revolucionaria. Memorias y olvidos*, lançado em 2009, aprofunda as discussões sobre ética guerrilheira, políticas de memória e superação e problematização da teoria *dos demônios* (Vezzetti, 2009).

À reboque do livro *Montoneros, la soberbia armada*, lançado em 1984, ela vai tecendo suas análises à publicação e à organização, na questão referente à forma do grupo de lidar com a morte, principalmente àquela praticada em nome da revolução. Já no exílio, não raramente, os líderes *Montoneros* falavam da tortura e morte de seus militantes como outrora falavam de seus inimigos e, para tanto, abusavam da retórica para “representar cruelmente a crueldade, exasperadamente a exasperação e exageradamente o excesso” (Sarlo, 1984, p. 21). Os *Montoneros* converteram

assassinato em arma política e a violência política virou religião. Assim, a morte, ou a iminência dela, estava sempre sendo exaltada e não pode ser ignorada, mesmo sendo parte do passado e, de certa forma, é a experiência com a morte naquele período que faz com que parte da identidade do indivíduo seja perdida. Esta perda de identidade, afirma Sarlo, evidenciava-se através de um “deslizamento” entre passado e presente que condensava a tragédia de quem vivenciou aqueles anos: “[E]u sou licenciada em física, quer dizer, eu fui licenciada em física até o dia em que me seqüestraram”. Sou/fui seria a representação da perda da identidade e que de certa forma refletia toda uma geração (Sarlo, 1984, p. 6). Raul Beceyro, quase uma década depois, observa algo similar ao comentar sobre os *Montoneros* que deram depoimentos no filme *Cazadores de utopias*:

Casi ninguno de ellos siguen haciendo política, viven como anclados en ese pasado que reviven con nostalgia, acordándose de amigos que murieron y de cosas que pasaron. Se hace difícil entonces pensar que la utopía del pasado sea capaz de animar las utopías del futuro, o del presente. Hay una especie de ruptura entre la actividad política de los testigos en el pasado y toda posibilidad de actividad política actual. Ninguno de ellos razona en términos políticos. Parece que hubieron sido políticos por esa única vez con los Montoneros, luego nunca más han sido o serán (Beceyro, 1996, p. 12).

É importante ressaltar que, atualmente, já encontramos uma quantidade de trabalhos considerável com esta crítica ao militarismo e culto à morte das organizações armadas na Argentina escritos, em sua maioria, após os anos 2000. O que é interessante aqui é observar que a *Punto de Vista*, por meio de Beatriz Sarlo, trazia este debate em um contexto histórico delicado, às vésperas do lançamento do informe *Nunca Más* – que, graças à “teoria dos demônios”, às críticas internas à esquerda foram desincentivadas com a finalidade de punição dos militares. Mesmo que os demais colaboradores de *Controversia* já houvessem feito algumas destas reflexões anteriormente, é a *Punto de Vista* que consegue dar voz às estas críticas.

Discussão que volta à cena em fins dos anos 1990 é a que coloca a problematização do testemunho como central para se entender como a memória foi construída e a questão dos movimentos juvenis. Em alguma medida, Beatriz Sarlo retoma uma discussão que ela própria havia levantado nos anos 1980 e que deu subsídios para o livro “Tempo Passado: cultura da memória e giro subjetivo”, de 2002. “¿Qué entrega el testimonio a sus lectores? Historias verdaderas. ¿Como las construye? Con detalles verdaderos. Todo puede ser falso en un testimonio, menos los detalles” (Sarlo, 1997, p.16). De acordo com Sarlo, o testemunho sempre trata de uma época desaparecida, onde quem presta o testemunho, fala de sua juventude, inclusive, desde a década de 1990 tudo que se fala sobre os anos 1970 se remete à juventude e que traz em si um sentimento de eminência: “o triunfo exige jovens”, diz a autora. Em muito pouco tempo as pessoas passavam de universitários para dirigirem milícias, gráficas clandestinas. Aproximavam-se grandes mudanças, que exigiam tarefas hercúleas de grande risco e ousadia que só podem ser executadas por quem “no mantiene compromissos subjetivos, materiales y con nada del presente o pasado” (Sarlo, 1997, p. 18). O ritmo da política e da guerrilha é o ritmo dos jovens, não apenas porque os jovens entravam na ação, mas porque ela era pensada em termos purificadores, fundacionais, inaugurais e renovadores de uma tradição.

Raul Beceyro lembra que a década de 1970 começa com a morte de Pedro Eugênio Aramburu e termina com campos de concentração, este seria o único ponto que pode ser relevante nos “dos demônios” e que a revalorização daqueles anos serviu para silenciar os feitos dos *Montoneros*, por um lado, e, por outro, serviu para esconder uma crítica aos anos 1980, década em que só se falavam das vítimas. Contudo, há um determinado grupo revisionista – do qual Miguel Bonasso faria parte – estavam se limitando a escrever livros, fazer filmes, que esboçam pouco um posicionamento político. Diz o autor que as opiniões dos revisionistas são todas idênticas, eles rechaçam toda a autocrítica (e impedem outros de autocriticar-se) e expressam algumas reservas a alguns crimes

cometidos pelos *Montoneros* (como o assassinato de Ignacio Rucci, líder da CGT), mais por motivo de saber os problemas que isto pode trazer, não por refletirem sobre o uso político do assassinato. “Quienes digan que en política no hay que matar a nadie, son criticados por ‘angelicos’ y ‘a-históricos’” (Beceyro, 1997, p. 23).

3 La Ciudad Futura

Hace poco más de tres años, cuando estaba para comenzar la asamblea que fundaría el Club de Cultura Socialista, me crucé con Carlos Altamirano, Me miró con la mirada traviesa y con su mejor socarronería correntina, me espetó: “acá estamos dispuestos a cometer otro error”. Como es habitual, el chiste dijo mejor que mil discursos, algo de la verdad. Resumía las cicatrices de los que, protagonistas de los “60”, habíamos ofertado la vida en la frontera con los 70 y éramos los sorprendidos y atribulados sobrevivientes de la matanza en el “Proceso”. El chiste disparo en mi recuerdo, multitud de escenas y muchas caras entrañables que ya no estaban. Pero, la verdad del chiste estaba más allá de esos dolorosos efectos. Residía en el reconocimiento de que la política no puede ser otra cosa que un eterno error. Y en los dos sentidos fuertes de la palabra. Peregrinar sin fin por vivencias para, en cada una, encontrarse, finalmente, con la emergencia del error que impulsará a quién detecte, si no esta excesivamente capturado por la creencia, a proponer otro sendero (LCF, 1988, p. 11).

A origem desta publicação está intrinsecamente ligada ao *Club de Cultura Socialista*. Este espaço civil surgiu em 1984 e encerrou suas atividades em 2008. Teve como razão de ser a análise e o debate dos problemas políticos, sociais e culturais do mundo, com ênfase na Argentina. Assim, pretendiam “*contribuir a la renovación del pensamiento actual atrayendo el esfuerzo de todos aquellos que se interroguen críticamente sobre el significado del socialismo como identidad ideológica, cultural y política*”. Por meio de palestras, conferências, congressos e publicações, o *Club* contribuiu para a renovação da cultura da esquerda, mas claro, não sem dilemas ou divergências internas. Mesmo assim, sua proposta de colocar o debate público em um lugar central, logrou:

Demandó una vocación activa de actuar como operador cultural en la elaboración de una agenda de izquierda en la Argentina. Creemos, en esta dirección, que uno de los logros más rescatables fue la perspectiva con que el Club encaró sus objetivos, fundado en el particular sentido crítico dado a los problemas que le tocó abordar en sus veinticuatro años de existencia. Tal perspectiva marcó una neta ruptura con el discurso de la izquierda arcaica, posibilitando una reflexión que pudiera internarse por senderos innovadores y abriera la discusión sobre tópicos nunca abordados por ella. Recordemos, por ejemplo, el coloquio internacional que realizamos sobre las izquierdas democráticas y América Latina en el marco de la integración regional, cuyo contenido se ve reflejado en los debates actuales sobre el tema. Hagamos referencia además a la revisión llevada a cabo de la historia de nuestras izquierdas, a la luz de la memoria de sus protagonistas (Club De Cultura Socialista, s.n.t.).

O núcleo fundador do *Club* é resultado de miscelânea de grupos intelectuais provenientes das revistas *Punto de Vista*, *Pasado y Presente*, *Controversia* e do *Club de Discusión Socialista*. Esse núcleo foi formado por: José Aricó, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Juan Carlos Portantiero, María Teresa Gramuglio, Sergio Bufano, Marcelo Cavarozzi, Alberto Díaz, Rafael Filippelli, Ricardo Graziano, Arnaldo Jáuregui, Domingo Maio, Ricardo Nudelman, José Nun, Osvaldo Pedroso, Sergio Rodríguez, Hilda Sabato, Jorge Sarquís, Jorge Tula, Oscar Terán, Hugo Vezzetti, Emilio de Ípola. Segundo José Aricó, o *Club* se apresenta completamente fora dos partidos políticos e da esquerda organizada para poder realizar atividades comprometidas, mas de forma livre (Reano, 2010, p. 21). Seus integrantes acreditaram na dupla natureza do *Club*: a dimensão político-institucional que estava vinculada à dimensão comunitária. Desta forma, como diz o último balanço

sobre o Club em seu *site*, sem o respeito mútuo entre seus integrantes, não se poderia viver entre as divergências da vida política entre eles.

Mesmo tendo boa parte dos intelectuais da *Punto de Vista* participando diretamente do *Club* isto não implicaria dizer que tal revista, juntamente com a *La Ciudad Futura*, fossem revistas oficiais da instituição, muito embora esta última tenha se colocado, desde o início, como expressão deste e nela refletiam-se algumas das tensões teóricas que ocorriam dentro da instituição (Reano, 2010, p. 21). José Aricó foi o fundador também da revista e dividiu a direção com Juan Carlos Pontianero e Jorge Tula. O nome é uma homenagem ao periódico *La città futura*, escrito por Gramsci em 1917.² O periódico argentino tinha a intenção de fazer parte da vida política e cultural do país, com consciência de que o processo de democratização deveria ser acompanhado de discussões. Os temas mais importantes seriam os relacionados à esquerda, sobretudo, quais os caminhos que ela deveria tomar na democracia, assumindo os erros do passado. Esta concepção de política como um erro não seria um pessimismo, como sugeriu o depoimento que abre esta parte. A ideia, lançada pelo autor da citação, e que pode, de certa forma, resumir a ideia geral do periódico é a de que um erro pode ser útil, na medida em que pode servir de lição para corrigir e inovar as análises sobre a realidade social.

La ciudad futura aspira a ser un terreno crítico de confrontación de distintas voces que animan un proyecto de reconstitución de la sociedad argentina sobre bases democráticas y socialistas. Se concibe por tanto como una de las formas de organización de una presencia cultural de izquierda que en las condiciones del país y del mundo requiere de un profundo y radical cuestionamiento de toda su tradición y de todo su esquema de análisis (Editorial, 1986, p. 3).

A partir dos momentos finais da ditadura, emergiu uma série de dilemas teóricos sobre qual democracia estava por ser construída. Como a esquerda poderia fazer parte desta construção, também era uma questão que norteou estes intelectuais. O núcleo mais atuante dos que integraram *La Ciudad Futura* fez um esforço no sentido de dar conta destes temas. Cabe observar que o debate sobre a esquerda nos anos 1970 não aparece muito ao longo dos anos que se seguiram os anos 1990; este debate se centra mais nos primeiros números, como uma tentativa de buscar as origens do desafio de atuação na democracia. O legado de Gramsci, a memória sobre o período da ditadura, análises de conjuntura e os caminhos da esquerda na América Latina e Europa, são outros temas afins que permearam a revista. Não podemos deixar de mencionar também a importância dada para a estética da revista. Cada número trazia a ilustração mais representativa de algum artista – muitas vezes conhecido – e no interior da revista, outras ilustrações do mesmo artista embelezavam as páginas. Dentre os artistas estavam M.C. Escher, obras expostas no Museu Nacional de Belas Artes, dentre outros.

No seu número inicial, Emilio de Ipola chama a atenção para o fato de que a esquerda argentina sempre teve caráter contestatório e, deste modo, estaria incapacitada de desenhar um governo que democrático sem passar pela resistência. Tendo como base uma perspectiva socialista, a esquerda deveria valorizar as práticas culturais centradas na ordem, numa ordem que sustentasse a sua legitimidade e que viabilizasse a possibilidade de ser mudada, numa ordem sempre em aberto e disposta a renovar-se sempre. O artigo busca refletir sobre a relação entre ordem política e cultural dentro da perspectiva socialista, já na democracia, levantando alguns interrogantes como: como se poderia pensar a “ordem”, “ordem social” e “ordem política”, se esse foi sempre um discurso dos governos, sobretudo militares? Como a esquerda pode se apropriar disto? Como pensar uma linha

²Só saiu um único exemplar. Foi um jornal direcionado à juventude e falava sobre a importância da preparação partidária para a reestruturação da militância. "Il Grido del Popolo", n. 655, 11 febbraio 1917, e "Avanti!", anno XXI, n. 43, 12 febbraio 1917, cronache torinesi, con il titolo Un numero unico dei giovani, e il sommario de La Città futura. <http://www.antonioqramsci.com/cittafutura.htm>

de pensamento e ação socialista e democrática no contexto da democratização? A busca das respostas passava por levar em consideração algumas outras experiências que foram desvirtuadas em nome da doutrina socialista, ou seja, governos que se transformaram em regimes autoritários. Assim, o autor destaca a importância dos intelectuais de esquerda na tentativa de pensar e revalorizar a democracia, sem ter que renunciar seus ideais em nome do “realismo ou resignação”, tampouco que pareçam estar em defesa de valores defendidos pela direita. Esta tentativa de associação do reajuste do pensamento intelectual com a direita vem, de acordo com Ipola, de quem decidiu não revisar nada, dispensou autocrítica. Desta forma, o autor levanta outra questão: como, então, a crise dos regimes socialistas pelo mundo e os debates que se seguiram à crise afetam a realidade da esquerda argentina?

A análise foi a seguinte: as esquerdas argentinas teriam acompanhado mal ou ignoraram as mudanças políticas e doutrinárias no plano internacional desde início dos anos 1970. Se algo foi feito neste sentido, no máximo ajustaram seu discurso messiânico ao momento, mas sem colocar em xeque suas convicções históricas e arraigadas – justamente aquelas que levaram à derrota. Esta falta de lucidez política, que foi marca das esquerdas naqueles anos, contudo, deveu-se também a fatores externos: a ditadura inviabilizara qualquer desenvolvimento de uma cultura política de esquerda. Por outro lado, setores da esquerda tentavam revalorizar a democracia como regime político. Somente assumindo esta nova posição que se poderia ter uma sociedade mais justa. Por fim, Ipola defende a tese de que a esquerda argentina não conseguiu articular sua cultura contestatária com uma nova cultura da ordem (Ipola, 1986, p. 13).

O texto de Beatriz Sarlo publicado no volume seguinte dialoga com este texto. Intitulado *Los intelectuales en los mil días de la democracia*, é um artigo em que a autora parte de algumas perguntas básicas para desenvolver seu raciocínio: como construir na democracia uma identidade diferente daquela identidade revolucionária que tinham estes intelectuais no *Cordobazo* e na guerrilha, quando o princípio da ruptura radical era o que norteava as ações? Qual seria, à época o papel dos intelectuais e seu lugar na democracia? O que de diferente podem dizer?

Como bem observa Sarlo, o passado político destes intelectuais, incluindo o da própria autora, caracterizou-se por uma tensão revolucionária responsável, ao mesmo tempo, pela violência e autoritarismo, mas também um grande sentimento de sensibilidade social. Os intelectuais colocavam-se como responsáveis por dar voz aos setores marginalizados da sociedade, em uma delegação de representatividade que não foi outorgada por estes. Viviam plenamente sua condição de intelectuais, como um privilégio que a ação discursiva ou prática estava fadada a desmontar. Todavia, em sua avaliação, nem tudo foi um erro, pois o impulso para a política tinha razões também afetivas. Deste modo, reconstruir a identidade de esquerda significaria reencontrar pontos fortes de interesse e preocupação pelo destino dos setores populares. Se ainda tinham esperanças de propor uma nova política na retomada da democracia, é porque renovaram sua sensibilidade frente à injustiça.

Nos mil primeiros dias de governo democrático, a preocupação dos intelectuais estaria na tentativa de tentar revisar seu passado político, seja falando dos erros ou apenas ficar em silêncio; seja de entusiasmar com a democracia ou de apontar seus limites. Um dos grandes desafios destes intelectuais estaria em elaborar formas de maior participação popular de maneira a construir uma sociedade igualitária – este sim seria um desafio intelectual e político. Sarlo aponta a revalorização da discussão, encabeçada pelos intelectuais, como motor gerador de mudança de valores na democracia, mas não sem divergências.

Somos intelectuales, con lo que ello presupone de tensión moral y política, o practicantes de disciplinas descriptivas y sectoriales? Ni lo uno ni lo otro parecen garantías suficientes para no cometer errores políticos o técnicos. Pero la categoría intelectual incorpora los saberes técnicos en una perspectiva de izquierda donde el cambio no se vea enfrentando al

abismo que, hoy por hoy, la sociedad argentina experimenta ante cualquier posibilidad de conflicto o fisura (Sarlo, 1986, p. 5).

Norbert Lechner propõe análise de conjuntura sobre os intelectuais e a democracia na América Latina. Passadas as experiências autoritárias dos anos anteriores, inicia-se o período de ajuste ao presente. Segundo o autor, a crítica intelectual não invoca mais o futuro (que seria a revolução) tampouco o passado (o subdesenvolvimento), mas, ao contrário, assume a defesa de uma tradição contra a ruptura violenta. Assim, os intelectuais deveriam repensar seu protagonismo revolucionário das décadas anteriores, o que dá lugar a uma nítida ruptura com a estratégia guerrilheira (Lechner, 1986, p. 33-35).

Um dos textos interessantes da revista e que vai trabalhar com o binômio memória/esquecimento nesse primeiro momento, ainda sob repercussão dos julgamentos das Juntas, é o de Maria Matilde Ollier. A autora convida os leitores a pensar sobre a experiência da violência guerrilheira sob o prisma do que se deve lembrar ou esquecer. A dimensão que o terrorismo tomou na política argentina serviu para aprofundar a repressão por empreender uma luta pelo poder político conduzida de um modo autoritário e elitista e autolegitimado por uma versão redentora da violência. Outrossim, a autora propõe pensar a violência como uma cultura política e trazer o tema da violência armada para o debate. Seria necessário, afirma, compreender como os jovens aprenderam a fazer política por um viés cultural.

A autora garante que a guerrilha equivocou-se no caminho, em seu esforço de converter o descontentamento em rebelião total e pensando que o *Cordobazo* serviria de estopim para a revolução inevitável. Contudo, seria uma análise cínica apresentar os valores e condutas guerrilheiras como alheias à sociedade; uma análise que contraria a teoria *dos demônios*, tão em voga naquele momento em que o texto foi escrito. Para ela, há quatro pontos importantes na história recente argentina que devem servir para interpretar o surgimento e o desenrolar da violência armada: primeiro, a questão militar como fundamental para a ordem pública desde 1955. Desde então, tornou-se evidente uma descrença na democracia e na política, cujos reflexos foram as diversas alianças feitas pelas classes dirigentes – sindicais, política ou militares; segundo, todas as decisões políticas, desde então, foram tomadas pelas altas esferas de poder. Na formação daquela ordem política e militar, a proscrição de Perón, os acordos e desacordos das cúpulas tendo como contrapartida a falta de participação popular e carência de democracia formal, foram condições inseparáveis; terceiro, o segredo garantia o caminho de encontros e desencontros do que se era decidido pela elite, alimentado por meio do jornalismo, a suspeita permanente, a desconfiança com as reuniões políticas, sindicais etc. e; quarto, outro componente importante da ordem pós-1955 foram as práticas culturais paternalistas autoritárias no interior dos partidos e das corporações. A questão que se evidencia frente a esta situação é como se pode construir as identidades políticas tanto da elite quanto das bases, sob uma ordem atravessada por tais práticas. Deste modo, a sociedade não se sentiria responsável nem pela guerrilha, nem pelo governo instaurado a partir de 1976.

Quizás en parte eso se deba a la carencia de compromiso explicito que tuvo tanto el consenso quanto el disenso en este país. En una sociedad en la que pocos se hacen cargo de su propia historia política, no basta el anonimato de una plaza. La pregunta por donde estuve yo – es decir que hice o que hice, que dije o no dije – cuando mataron a Aramburu, cuando sucedió el golpe de estado en 1976 o cuando en 1980 invadieron Malvinas, puede ser tal vez una manera de comenzar a elegir entre la memoria y el olvido (Ollier, 1986, p. 20).

Oscar Valdovinos, na tentativa de explicar o que aconteceu com aquela esquerda radical, tece sua argumentação partindo da lembrança do genocídio que ceifou a vida de milhares de militantes, exilou tantos outros e desestruturou outra parte, mas alerta que seria um erro centrar todo o debate

nesta questão do Estado e omitir a fragmentação, obsolescência teórica e prática da esquerda, para além da falta de sua capacidade de acompanhar o “estado de ânimo” da sociedade e suas aspirações. Para o autor, esquerda argentina sempre teve desenvolvimento precário, seja em sua formação de quadros, seja em seu desenvolvimento teórico sobre a realidade sobre a qual deveria atuar. Além destes problemas, o predomínio do populismo e sua subestimação do trabalho intelectual em prol do imediatismo da ação, veio agravando desde os anos 1940 e impregnou a cultura da esquerda. A esquerda teria se apegado à “verdade de manual”, que dava segurança e verdade e prometia um futuro previsível. O uso de palavras de ordem e slogans permitia a atuação destes militantes sem perderem tempo com “leituras estéreis”. Uma vez este quadro, os grandes debates teóricos da esquerda não existiram, praticamente; se limitaram às questões táticas e de conjuntura. “La Historia (así, con mayúscula) se puso en rebeldía y faltó a la cita” (Valdovinos, 1987, p. 6).

4 Primeiras Conclusões

As revistas são fontes privilegiadas para análise de temas contemporâneos à sua existência. No caso de nossa pesquisa, ambas as revistas aqui trabalhadas dão um panorama satisfatório sobre quais questões estavam em voga quando a temática é o debate sobre a violência revolucionária e o papel dos intelectuais na revisão do passado desta esquerda, nos primeiros anos após a transição. O conjunto de textos apresentados mostra sintonia entre os autores e, salvo artigos pontuais, também trazem análises que compactuam com a *teoria dos demônios*, na medida em que não buscam compreender o papel da sociedade na espiral de violência que ocorreu nos anos 1960 e 1970.

A ênfase, no caso, é nas análises sobre as responsabilidades da esquerda na violência. Claro, em alguns momentos a violência estatal aparece como contraponto, mas em menor quantidade de análises em comparação a estas. Em alguma medida, estes intelectuais tentam fazer uma crítica, tomando como princípio os erros do projeto revolucionário das esquerdas argentinas. Aliado a isto, buscam soluções para que esta esquerda outrora radical, se adapte ao novo cenário político, ou seja, à democracia. A partir da transição, a preocupação destes intelectuais é a de como aprender com os erros e os seus desafios políticos e intelectuais são a reconstrução da identidade socialista desvinculada do radicalismo e das rupturas abruptas, como adaptar sua história de militância ao novo cenário político e como se reaproximar das massas e atender suas demandas.

Referências

- ACHA, Omar. *Un revisionismo histórico de izquierda*. Buenos Aires: Herramienta, 2012.
- ALTAMIRANO, Carlos. *Peronismo y cultura de izquierda*. Buenos Aires: Temas, 2001.
- BECEYRO, Raul. Outra vez los fantasmas del pasado. *Punto de Vista*, n. 58, 1997.
- _____. Fantasmas del pasado. *Punto de Vista*, n. 55, 1996.
- BREVE HISTÓRIA DE PUNTO DE VISTA. *Punto de Vista*. Revista de Cultura. Edición Completa, 2008.
- CAMPOS, Esteban. Memorias, ensayos y polémicas. El balance de la experiencia montonera en los años 80. *Topoi*. Revista de História, v. 14, n. 26, 2013, p. 06-17.
- CARASSAI, Sebastián. *Los años setenta de la gente común*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- CLUB DE CULTURA SOCIALISTA. *En su vigésimo cuarto aniversario*. Disponível em: <http://www.clubsocialista.com.ar/index.php>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- EDITORIAL. *La Ciudad Futura*, n. 10, 1988.
- FICO, Carlos. Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador. *Topoi*. Revista de História, v. 14, n. 27, 2013 p. 239-284.
- FRANCO, Marina. Reflexiones sobre la historiografía argentina y la historia reciente de los años 70. *Nuevo topo*, n. 1, 2005.

- GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- IPOLA, Emilio. Cultura, orden democrático y socialismo. *La ciudad Futura*, n. 1, 1986.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo XXI, 2002.
- LA CIUDAD FUTURA (LCF). *La ciudad futura*, n. 1, 1986.
- LECHNER, Norbert. De la revolución a la democracia. *La ciudad Futura*, n. 2, 1986.
- OLLIER, Maria Matilde. Entre la memoria y el olvido. *La ciudad Futura*, n. 3, 1986.
- PATIÑO, Roxana. Intelectuales en la transición. *Las revistas culturales Argentinas (1981- 1987). Cuadernos del recién venido*, n. 4, 1997.
- PONZA, Pablo. De la revolución armada al pacto democrático: cambio de paradigma en el grupo pasado y presente. In: ANSALDI, Waldo; GAGO, Verónica (Orgs.). *América Latina: tempos de violencias*. Buenos Aires: Ariel, 2014.
- REANO, Ariana. *Los lenguajes políticos de la democracia*. El legado de los años ochenta: Alfonsín, Controversia. Unidos y La Ciudad Futura. Tese, UNGS, 2010.
- SARLO, Beatriz. Entrevista. *Tempo Social*, v. 21, n. 2, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000200007. Acesso em: 02 jun. 2014.
- _____. *La pasión y la excepción*. Eva, Borges y el asesinato de Aramburu. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- _____. Cuando la política era joven. *Punto de Vista*, n. 58, 1997.
- _____. Los intelectuales en los mil días de la democracia. *La Ciudad Futura*, n. 2, 1986.
- _____. Una alucinación dispersa en agonía. *Punto de Vista*, n. 21, 1984.
- SEBRIAN, Raphael. Intelectuais, cultura, política e história em “Punto de Vista”. In: SEBRIAN, Raphael et. al. *Leituras do passado*. Campinas: Ponte Editores, 2009.
- VALDOVINOS, Oscar. Es posible izquierda en Argentina? *La Ciudad Futura*, n. 5, 1987.
- VEZZETTI, Hugo. *Sobre la violencia revolucionaria*. Memorias y olvidos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.
- _____. *Pasado y presente*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

Artigo recebido em: Julho/2014.

Artigo aprovado em: Dezembro/2014.

Isabel Cristina Leite (ic.leite@yahoo.com.br) é doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.